



## **“Oi, meu bem!” - Por uma epistemologia agroecológica dos afetos a partir do corpo da mulher e da terra**

“Hi, my love” - For an agroecological epistemology of affection from woman's and earth's body

BERTA, Mariana<sup>1</sup>; FERREIRA, Karoline Ruiz<sup>2</sup>; ANDRADE, Natália<sup>3</sup>; CARLON, Priscila<sup>4</sup>

<sup>1</sup> UDESC PPGAV, marifelski@yahoo.com.br; <sup>2</sup> UFSC PPGA, karolineruiz@gmail.com; <sup>3</sup> UFSC PPGA, andradeng.agro@gmail.com ; <sup>4</sup> UFSC PPGEA, priscila.carlon@gmail.com

### **Eixo temático: Mulheres, Feminismo e Agroecologia**

**Resumo:** A domesticação da mulher e da natureza são relacionadas pelo Ecofeminismo, que entende que a natureza é subordinada ao prazer do ser humano tal qual a mulher ao prazer do homem. Esse entendimento é diretamente relacionado com a função atribuída às mulheres (reprodução) e à terra (produção). Da mesma forma que a “mãe” natureza é vista como abundante e rica, a “mãe” mulher também acolheria a todos a partir de sua condição naturalizada de geradora da vida. Existe, nesse aspecto, uma desertização da mulher a partir do momento que se torna mãe, assim como a desertização da terra “que tudo dá e nada pede em troca”, ao mesmo tempo, o corpo feminino segue sendo hipersexualizado em todas as situações, tendo que ser encoberto muitas vezes, distintamente do masculino. A relação poética do corpo feminino com o corpo da terra e a semente crioula, tem como intuito questionar e pôr em crise o conjunto de desejos atribuídos a ambas, provocando o imaginário comum no sentido da emancipação de concepções naturalizadas até os dias de hoje. O trabalho acontece por meio de um ensaio fotográfico entrelaçado à um poema e sua materialidade final é reunida no formato de uma publicação de artista.

**Palavras-Chave:** ecofeminismo; semente crioula, corpo, desejo.

**Keywords:** ecofeminism; creole seed, body, desire.

### **Contexto**

A partir de um semestre envolvidas na disciplina de Agroecologia, na pós graduação de Agroecossistemas da Universidade Federal de Santa Catarina, as estudantes se encontraram num lugar comum: cada uma vinha de uma área diferente do conhecimento e partia de perspectivas diversas sobre Agroecologia. O que convergia era a relação que ambas haviam construído umas com as outras de afeto e o desejo de desenvolver algo juntas, que fosse um reflexo disso. Como contrapartida, a disciplina exigia o desenvolvimento e compartilhamento de um trabalho final que fosse, em alguma medida, a conclusão desse processo de acesso que tiveram aos conhecimentos que constroem a agroecologia em suas dimensões teóricas, mas também empíricas. Durante todo esse caminho, foi dada a possibilidade, a partir dos vínculos que a universidade e em especial o PPGA havia firmado com diferentes contextos agroecológicos do estado de Santa Catarina, de interagir na prática com muitas realidades. O que chamou a atenção do grupo então, foi a falta de um espaço específico dentro da disciplina que discutisse sobre questões que encontramos em campo, muitas delas se referiam à dimensão social da agroecologia e principalmente



aos assuntos ligados ao debate de gênero. Nesse ambiente surgiu o trabalho que será apresentado aqui, que teve como objetivos principais trabalhar e diversificar os processos mentais nos quais se baseia e se vislumbra a agroecologia no seu sentido mais amplo, falando desde uma relação de intimidade entre pessoas e natureza.

## **Descrição da Experiência**

A partir de um processo de trocas entre as estudantes, foi iniciado um arranjo de temas, situações e narrativas que pertenciam ao mundo de cada uma mas que reverberavam umas nas outras. Existia a vontade de desenvolver o trabalho final da disciplina a partir dos próprios corpos, mas, que corpos eram esses? Corpos de 4 mulheres carregados de saberes, dispostas a se juntar e conversar sobre o que não estava na disciplina oficialmente, o que escapava daquele lugar institucional. Tendo em vista que uma delas vinha de um lugar de representatividade: filha da agricultura familiar do oeste do estado e militante ativa no Movimento de Mulheres Camponesas de SC que constrói, há algum tempo, relações a partir dessa condição de vida com o campo amplo das Artes Visuais. Foi sistematizada a trama de possibilidades de concretização do trabalho que saísse dos limites da epistemologia científica ocidental, que distância qualquer aproximação ou vinculação direta do lugar dos afetos com os temas. A proposta era, além de tecer relações com os assuntos de gênero perseguidos por elas, também chegassem até um resultado que possibilitasse um processo de interações entre as mesmas e com o meio. Havia as ideias e conceitos das teóricas feministas que guiavam esse processo - tais como Nancy Cardoso Pereira, Anna Lowenhaupt Tsing, Emma Siliprandi, Vandana Shiva e Silvia Federici, para citar algumas - e havia ao mesmo tempo, o contato e todo o conjunto de saberes proporcionados pelas mulheres camponesas que constroem cotidianamente conhecimento a partir de suas realidades, tal como as guardiãs de sementes crioulas. Diante disso, foram testados esses encontros epistemológicos carregados de potência criativa e se chegou nos resultados apresentados a partir da linguagem da fotografia e da publicação de artista.

O formato escolhido: uma publicação de artista por meio impresso, se apropria do procedimento contemporâneo da arte por oferecer respostas à questões importantes como: compartilhamento no campo expandido, estímulo à formação de novos públicos através da democratização e acesso aos processos/resultados artísticos que ocorrem no âmbito acadêmico. O texto que a referida publicação carrega foi o resultado coletivo de todas as conversas que haviam ficado pelas beiradas das relações extradisciplinares, seu teor poético reflete e tece referências à uma dinâmica alternativa de conhecer e abordar os assuntos da agroecologia, fazendo parte do conjunto de subjetividades próprios da relação entre as mulheres e a terra.



tenho visto os movimentos nos poros da sua pele  
 não puchado de ti consigo sentir um fluxo intenso de vida

gosto muito da maneira como você se mexe

se te escutassem com força  
 se aprendessem mais com uma formiga  
 saberiam que de toco sai broto  
 e aqui quem manda são as estrelas

de noite quando tudo silencia  
 eu consigo escutar você fofocando com a lua  
 falando do seu desejo de sugar o sol  
 de levar ele pra dentro do seu corpo  
 guardar ele pra mais tarde  
 pra quando você tiver fome



gosto muito da maneira como você se mexe



Oi, meu bem!  
 como você tá?  
 tenho acompanhado cada centímetro do seu corpo  
 tenho visto os movimentos nos poros da sua pele

num puchado de ti consigo sentir um fluxo intenso de vida  
 cada estrelinha do céu mora ali dentro

de noite quando tudo silencia  
 eu consigo escutar você fofocando com a lua  
 falando do seu desejo de sugar o sol  
 de levar ele pra dentro do seu corpo  
 guardar ele pra mais tarde  
 pra quando você tiver fome

gosto muito da maneira como você se mexe  
 não gosto da maneira que eles mexem em você

se te escutassem com força  
 se aprendessem mais com uma formiga  
 saberiam que de toco sai broto  
 e aqui quem manda são as estrelas





## Resultados

Partiu-se do pressuposto de que não existe teoria agroecológica sem prática agroecológica, e de que a relação entre ambas extrapola os limites do manejo territorial a partir do momento em que cada uma se enxerga interagindo tanto com o território quanto entre si. O filósofo Vladimir Safatle, em seu último livro “O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo” discorre a partir do que poderia ser encarado como aspecto fundante do trabalho, ele argumenta a partir da concepção de poder e de como a sociedade funciona a partir dos eixos do desejo humano. Diz que a vigilância precisa e constante dos sujeitos é impossível sendo que o poder uníssono precisa da sujeição integral. O poder, enfim, não deve ser entendido como uma questão de força física, mas de sujeição psíquica, o que significa que não há nenhum exercício de poder que não se baseie em alguma forma de amor, de amar aquilo que nos assujeita. Pensando nisso como refletimos e construímos a agroecologia, nas suas mais diversificadas formas e contextos, a partir da ideia de afetividade e construção/desconstrução dos desejos. Se os afetos podem ser formas de organizar o tempo e o espaço dentro de um horizonte de expectativas: sobre qual arranjo de afetos opera o projeto de agricultura do capitalismo global? Foi a partir desse questionamento que se partiu, na tentativa de encontrar formas de responder



essa pergunta apresentando um possível contra ataque sensível ao mundo dos afetos e imaginação do agronegócio.

### Referências bibliográficas

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

GASPAROTO, Kroth, Sirlei. **Pedagogia da Semeadura – A construção de saberes pelo Movimento de Mulheres Camponesas no Programa de Sementes Crioulas**. 1 ed. - São Paulo: Dialogar, 2018

MELIM, Regina. **Exposições impressas**. In: Derdyk, Edith (org.). **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas**. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2013.

PEREIRA, Cardoso. Nancy. **Da agropornografia à agroecologia: uma aproximação queer contra as elites vegetais**. In: André Musskopf; Márcia Blasi. (Org.). **História, saúde e direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. 1ed. São Leopoldo, RS: CEBI, 2016, v. 1, p. 35-41.

SILIPRANDI, Emma. **Agroecologia, agricultura familiar e mulheres rurais**. **Revista brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e os fins do indivíduo**. 2ª ed. revista. São Paulo: editora autêntica, 2015.